

# Memorial

Profa. Dra. Maria Clara Dias

Imagino que para todos aqueles que não sofrem de uma espécie de narcisismo compulsivo, a tarefa de escrever um memorial possa se tornar bastante penosa. No meu caso, não consigo evitar que todas as vezes que pense em começar a escreve-lo, a mesma pergunta me invada e roube uma já furtiva motivação para realizar esta tarefa: a quem pode interessar tudo isso? Não consigo deixar de lamentar por meus leitores e desejar poupá-los de uma leitura demasiado enfadonha. Foi nesta luta interna diante da necessária construção deste relato, que me ocorreu uma forma de driblar meu mal-estar. O memorial deve conter minha trajetória acadêmica, mas não precisa ser interpretado como uma forma de autopropaganda. Posso adotá-lo como uma forma de homenagem a todos aqueles que participaram da minha vida profissional, desta que sem dúvida tornou-se a minha forma de estar no mundo, minha auto-realização e o que mais próximo compreendo por felicidade. Escreverei este memorial por eles. Para que saibam o quando sou grata por terem me incentivado e acompanhado nesta trajetória que julgo tão bem-sucedida, não por indicativos de produção acadêmica, mas por me sentir plenamente realizada com a profissão que escolhi e por vivenciar, mesmo depois de tantos anos, de forma tão apaixonada o exercício da filosofia. Meus alunos, muitos já hoje, também meus colegas e, desde sempre, amigos queridos, são a maior evidência de que fiz a escolha certa e que nela jamais estarei sozinha. Embora durante muito tempo tenha me autocompreendido como uma filósofa analítica, meu raciocínio sempre foi demasiadamente sintético e poderia resumir tudo o que tenho a dizer em muito poucas palavras. Tudo o que realmente importa sempre me pareceu poder ser dito em poucas palavras. Talvez seja por isso que escrevo tanto, mas sempre textos tão sucintos e condensados. Farei aqui o esforço contrário. Não para aborrecer meus leitores, mas para, salvo os inevitáveis lapsos de memória que adquiri com a idade, tentar não esquecer ninguém e ser o mais fiel possível às contribuições que recebi.

Nasci no Rio de Janeiro, em agosto de 1964. Em 82 iniciei o curso de psicologia na Universidade do Estado do Rio de Janeiro. No segundo ano de faculdade comecei a cursar,

paralelamente, aulas de filosofia na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Ao concluir o bacharelado em Psicologia, fui admitida no curso de aperfeiçoamento em Filosofia da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Em 85, iniciei também uma investigação acerca da Metapsicologia freudiana, sob a orientação de Renato Mezan. Mezan foi talvez a primeira pessoa que acreditou em mim como filósofa ou pesquisadora e se empenhou em me fazer acreditar que eu poderia ser o que realmente quisesse. Afastando cuidadosamente os fantasmas que ameaçavam minha total entrega à vida acadêmica, ele me fez ver que minha escolha já havia sido feita e que já não corria o risco de ser atropelada por constrangimentos alheios a minha própria vontade. Com a pesquisa realizada neste período, recebi, em 86, a bolsa de incentivo à pesquisa da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Em 86, conclui paralelamente a graduação em Psicologia e o aperfeiçoamento em Filosofia. Com o interesse voltado para a psicanálise, frequentei seminários do Colégio Freudiano, Letra freudiana e, por indicação de Renato Mezan, passei a participar dos cursos de Jurandir Freire da Costa, na Medicina Social da UERJ. Jurandir foi mais um grato encontro que a psicanálise me proporcionou. Compartilhando valores, interesses filosóficos e amigos, ele tem sido durante todos estes anos uma presença, embora muitas vezes distante, fundamental na minha vida. A generosidade com que sempre acolhe o meu trabalho tem sido um bálsamo que suaviza o hostil convívio no ambiente acadêmico.

Os aspectos metapsicológicos da psicanálise era, na época, o tema central de meu interesse e supunha poder reuni-los em uma investigação acerca do conceito de inconsciente. Em agosto do ano seguinte, iniciei o mestrado em Filosofia na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, com um projeto acerca do conceito de inconsciente na obra de Sigmund Freud, sob a orientação da Professora Vera Cristina Bueno.

Durante o primeiro ano de mestrado realizei dois cursos sobre Wittgenstein. Um deles sobre o *Tractatus* ministrado pelo Prof. Luis Carlos Pereira, o outro sobre as *Investigações Filosóficas* com o Prof. Danilo Marcondes de Souza. No final deste período apresentei um novo projeto, desta vez sobre a relação entre o “argumento da linguagem privada” e a “dedução transcendental” como tentativas de resposta ao ceticismo/solipsismo filosófico, agora sob a orientação de Danilo Marcondes. Durante o mestrado cursei também disciplinas, em Habermas, Lógica e Hegel, na PUC, e passei a frequentar os cursos do Prof. Guido de Almeida, na UFRJ. Cursei, inicialmente, um curso sobre “argumentos transcendentais”, em seguida a

leitura da dedução transcendental e finalmente a leitura da *Crítica da Razão prática*. O trabalho realizado para o curso sobre argumentos transcendentais foi apresentado no congresso da ANPOF em Gramado e mais tarde publicado na Revista do Departamento de Filosofia da PUC, “*O que nos faz pensar*”, com o título “Argumentos transcendentais”. Neste artigo procuro analisar a forma de um argumento transcendental a partir da análise crítica do artigo de Hacker “Are Transcendental Arguments a Version of Verificacionism”, publicado na revista *American Philosophical Quarterly* em 1972. Durante este período, passei então a me dedicar a questão de fundamentação do conhecimento, identificada em Kant como a tentativa de fundamentação do conhecimento acerca da experiência e, em Wittgenstein, com a tentativa de justificação do caráter essencialmente intersubjetivo do discurso significativo.

No primeiro semestre de 1989 ministrei um curso de Introdução à Filosofia na PUC. Para este curso, baseie-me no livro *Vorlesungen zur Einführung in die Sprachanalytische Philosophie* de Ernst Tugendhat, autor no qual baseie, em grande parte, minha interpretação do argumento da linguagem privada de Wittgenstein e que viria a ter como orientador no doutorado. Em junho, participei da semana de Filosofia da PUC, em uma mesa sobre Kant, com uma exposição sobre a dedução transcendental como uma refutação do ceticismo epistemológico.

Em agosto do mesmo ano defendi minha dissertação de mestrado: “Argumento da Linguagem Privada: investigações filosóficas acerca do discurso significativo”. Da banca participaram os professores Danilo Marcondes de Souza, Luiz Carlos Pereira e Wilson Mendonça, que recém retornara ao Brasil e que, anos depois, seria um dos meus principais interlocutores na Filosofia. A dissertação foi publicada pela primeira vez em 95 e acaba de ser reeditada pela editora CRV com o título “Kant e Wittgenstein: os limites da linguagem”.

Na PUC, conheci Marcelo Cattan, cuja amizade representa para mim um porto seguro, onde sempre me sinto apoiada para prosseguir nas minhas investidas filosóficas, e com quem aprendi a viver de forma mais sábia, buscando focar, sempre, no lado positivo das experiências vividas.

Em agosto de 89 recebo a confirmação dos pedidos de bolsa para doutorado no exterior das instituições: Fundação Adenauer, DAAD, CAPES E CNPq. Durante este processo de seleção, conheço o Prof. Nelson Gomes cujos conselhos, já nesta ocasião, foram tão determinantes para minha trajetória. Em setembro, parto para o doutorado na Alemanha com bolsa do CNPq.

Em 90 inicio o doutorado em Berlim, sob a orientação de Ernst Tugendhat. O projeto de doutorado, inicialmente sobre a questão da fundamentação da moral em Kant, passa por uma série de transformações, até que por interesse e sugestão do próprio Tugendhat, volta-se para a questão de fundamentação dos Direitos Humanos, com uma ênfase, dada por mim, aos chamados direitos sociais básicos. Com isso tive a oportunidade de realizar encontros semanais com Tugendhat para discussão de livros e artigos, e ter acesso e discutir textos, então inéditos, de sua autoria. Com a partida de Tugendhat para o Chile, iniciamos uma intensa correspondência que permitiu, ainda mais, sua participação no processo de elaboração da minha tese de doutorado. Berlim foi a minha Pasárgada e Tugendhat, meu mestre, meu amigo, minha família. Se seu nome não está em cada parágrafo deste memorial, sua presença é uma constante em todos os dias da minha vida.

Em outubro de 1993, defendo o doutorado, tendo como segunda parecerista a Professora Ursula Wolf. A tese, com o título *Die sozialen Grundrechte: Eine philosophische Untersuchung der Frage nach den Menschenrechten*, é publicada pela Hartung-Gorre Verlag em Konstanz, tendo a primeira edição esgotado em 1995. Sobre o livro, a revista *Systematische Philosophie*, (Ausgabe: Theologie und Philosophie 71, 1996) publica uma resenha escrita pelo Prof. N. Brieskorn S. J. O mesmo trabalho é utilizado pelo Prof. Thomas Kesselring em curso ministrado no semestre de verão na universidade de Essen, Alemanha, 1995. O livro foi traduzido pelo Prof. Fernando Rodrigues e publicado pela primeira vez no Brasil pela editora EDIPUCRS de Porto Alegre, em 2004, com um prefácio de autoria de Tugendhat. Uma nova edição acaba de sair pela editora CRV.

Na primeira parte deste trabalho procuro defender a tese de que direitos humanos são direitos morais e investigar a sua forma de fundamentação. Para tal, recorro a Locke, Fichte e Habermas. Deste modo, pude resgatar a questão, para mim central, da fundamentação de normas morais. Na segunda etapa, busco analisar a questão específica da fundamentação dos direitos sociais.

Em novembro de 93, retorno ao Brasil com bolsa de recém-doutor do CNPq, junto ao departamento de Filosofia da UFRJ, com um projeto sobre “A Fundamentação dos enunciados morais”. Também nesta época, ingresso no grupo “Seminário de Filosofia da Linguagem”, com um projeto acerca do conceito de pessoa. Neste projeto busco analisar a questão da atribuição de estados físicos e psicológicos a uma mesma entidade, a atribuição de liberdade e valor moral as ações humanas. Durante este ano, ministrei três cursos na pós-graduação, mestrado

e doutorado. No primeiro semestre um curso sobre o conceito de justiça, onde foram abordados Rawls, Vlastos e Tugendhat; um curso sobre Habermas e Apel e, no segundo, um curso sobre o Utilitarismo.

Em 94, ofereço uma palestra sobre “Noções básicas de Ética” no Colégio Pedro II, Rio de Janeiro e participo da Mesa Redonda: “Ética, Política e Cidadania”, no Encontro Nacional dos Professores de 1 e 2 Grau, Rio de Janeiro. No Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da UFRJ, apresento a conferência: Direitos Sociais Básicos: Uma Investigação filosófica acerca da Fundamentação dos Direitos Humanos, publicada em 1996 na Revista Manuscrito. Neste artigo, procuro analisar o problema da fundamentação dos direitos sociais básicos como direitos morais e, para tal, analiso a perspectiva de Habermas e Tugendhat. Uma versão, com modificações deste artigo foi publicada com o título: “De la ética del discurso a la moral del respeto universal: sobre la fundamentación de los derechos humanos”, na revista *Ideas y Valores*, Bogotá.

Em junho participo do "XIII Congreso Interamericano de Filosofía", realizado em Bogotá, Colômbia, com o trabalho “Direitos Sociais Básicos: uma Fundamentação dos Direitos Humanos a partir da Moral do Respeito Universal”. Mais tarde publicado em *El trabajo filosófico de hoy en el continente*, Bogotá, 1994. Neste evento, participei de uma mesa-redonda com Eduardo Rabossi, com quem tive a imensa satisfação de partilhar outras mesas, em temas aparentemente bastante distintos, nos anos seguintes. Rabossi foi para mim um grande exemplo de competência e integridade moral. Foi uma inestimável satisfação ter tido a oportunidade de tê-lo como amigo e interlocutor. Hoje, agradeço a ele o contato com sua herdeira acadêmica Diana Perez, como quem após tantos anos de contato, compartilho a orientação de meu orientando de doutorado Diogo Gonçalves Vianna Mochcovitch.

Ainda em 1994, retorno a Bogotá a convite de dois filósofos e queridos amigos: Carlos B. Guitierrez e Lisímaco Parra, este último, também orientado por Tugendhat e parceiro do doutorado em Berlim, onde junto aos amigos Roberto Horácio de Sá Pereira, Eduardo Fermandois, Luz-Marina Barreto, Orlene Carvalho, Maria Emília Stenzel e Gabriel Dorffmann, vivemos anos inesquecíveis de nossas vidas.

Em setembro, participei como relatora do Encontro sobre a Tolerância na América Latina, realizado no Rio de Janeiro. Em outubro, participei da Mesa Redonda: "O conceito de Consciência na modernidade e sua crítica na filosofia contemporânea" do VII Encontro Nacional de Filosofia" em Águas de Lindóia. Finalmente, em novembro, sou aprovada em

primeiro lugar no concurso para professor de filosofia contemporânea do Instituto de Filosofia, Artes e Cultura da Universidade Federal de Ouro Preto.

Em janeiro de 95 assumo como professora adjunto em Ouro Preto. Em Ouro Preto sou eleita presidente do Colegiado do curso de Filosofia e, mais tarde, Chefe de departamento. Assumo também representação no Comitê de Extensão e no Comitê de Pesquisa da Universidade Federal de Ouro Preto. Crio os chamados “Simpósios de Filosofia”, atividade quinzenal pelo qual os professores do departamento teriam a oportunidade de discutir com os colegas e, divulgar para os alunos, as pesquisas em andamento.

Com o objetivo de divulgar o recém-criado curso de Filosofia de Ouro Preto, atrair novos alunos e promover um intercâmbio com outras universidades, organizo os seguintes eventos, dos quais participo também como conferencista: “I Colóquio de Filosofia da UFOP”, junho de 1995; “II Seminário de Filosofia da UFOP”, agosto de 1995; “I Encontro de Matemática e Filosofia da UFOP: Paradoxos da ciência moderna”, outubro de 1995 e “I Encontro latino-americano de Filosofia da UFOP”, dezembro de 1995. Do “II Seminário de Filosofia da UFOP” resultou o livro *O que é Filosofia*, publicado em 1996 pelo Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, UFOP. Para este livro, do qual fui a organizadora, recebi também a contribuição de um artigo inédito de Tugendhat “Über Methoden der Philosophie”, cuja tradução é de minha autoria. Traduzi também os artigos “Qué es la filosofía? La respuesta de Wittgenstein y sus consecuencias en la filosofía actual” de S. Palavecino e “Filosofías” H. Etcheverry. Palavecino foi meu colega em Ouro Preto e um amigo querido. Nesta coletânea, encontra-se também artigos de Paulo Margutti, Livia Guimarães, Fernando Rodrigues, Mário Nogueira, José Luiz Furtado, Mauro Lúcio Leitão Condé e um artigo de minha autoria intitulado “O que é Filosofia?”, escrito especialmente para o evento de Ouro Preto. Este artigo, baseado no livro *Vorlesungen zur Einführung in die Sprachanalytische Philosophie* de Ernst Tugendhat, procurei mostrar como a questão central da filosofia de Aristóteles e Kant pode ser retomada a partir da filosofia analítica da linguagem.

Ainda em 1995, sou convidada a oferecer uma conferência com o tema “O Conceito de Pessoa”, no Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da UFRJ. Sobre o “O Conceito de Pessoa”, tema do projeto apresentado ao CNPq junto ao “Seminário de Filosofia da Linguagem”, foram produzidos dois artigos: “O Conceito de Pessoa”, publicado na revista *Discurso*, São Paulo e “Considerações acerca do conceito de pessoa”, publicado nos *Cuadernos de Filosofia y Letras*, Bogotá. Ambos têm como tema central a indagação acerca da possibilidade de

caracterizarmos uma pessoa com base no conceito de liberdade, os conceitos de liberdade da vontade, liberdade de ação e autodeterminação e finalmente a relação entre a atribuição de liberdade e moralidade a uma pessoa. O segundo artigo é uma versão mais elaborada das questões apresentadas no primeiro.

Em Mariana, participo da Mesa Redonda: “Discurso sobre Direitos Humanos Básicos”. Retorno a Bogotá para a conferência “Filosofia y Derechos Humanos” e apresento na Universidade Central de Caracas a conferência “De la ética del discurso a la moral del respeto universal: sobre la fundamentación de los derechos humanos”.

Em julho, participo da SBPC com uma conferência sobre: Ética e Direitos Humanos. Em setembro, participo do “III Encontro de Filosofia Analítica”, com o trabalho: Filosofia Analítica da Moral: Sobre a aplicação da análise linguística no campo da Moral. Em outubro participo do “Encuentro Internacional nuevo orden economico y desarrollo: Desafios eticos para el siglo XXI”, realizado em Santiago, e organizado pela International Development Ethics Association (IDEA), sociedade a qual, desde então, passo a integrar. O trabalho apresentado intitulou-se “Argumentos morales para el reconocimiento de los derechos sociales básicos”.

No final de 1995, ofereço ainda duas conferências: “Kant: sobre a possibilidade de uma refutação do ceticismo” na Universidade Federal de Goiás - publicada em seguida com o título “Kant: Os limites da razão crítica”, em um número especial da revista *Síntese Nova Fase* sobre Kant - e “Ética e Direitos Humanos” na Universidade de Brasília.

Sobre a questão dos direitos humanos, publico, também em 95: "Direitos Básicos e a Moral do Respeito Universal", em *Princípios*, Natal e “Ética do discurso: uma tentativa de fundamentação dos direitos básicos”, em *Síntese Nova Fase*, Belo Horizonte. Nestes dois artigos analiso com mais detalhes a questão dos direitos sociais na perspectiva de Tugendhat e Habermas, respectivamente.

Em Ouro Preto, ofereço no primeiro semestre um curso de extensão com o tema: A Questão da Fundamentação dos enunciados morais. No segundo semestre, ofereço duas disciplinas para a graduação do curso de Filosofia: [1] Teorias da Linguagem, curso monográfico sobre as *Investigações Filosóficas* de Wittgenstein e [2] Ética I, curso monográfico sobre a *Fundamentação da Metafísica dos Costumes* de Kant. Também em Ouro Preto, ofereço em março de 96 um curso sobre o livro *Problems of the Self* de Bernard Williams.

No final de 95, recebo o convite para fazer parte do Conselho Editorial da Revista do Departamento de Filosofia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Em 1995 fui aprovada no Concurso Público para Professora de Filosofia Contemporânea do Departamento de Filosofia da Universidade Federal do Paraná; no Concurso Público para Professora Adjunta do Departamento de História da UNIRIO e no Concurso Público para Professora Adjunta do Departamento de Filosofia da UNIRIO.

No mesmo ano, participei da banca examinadoras para Professor Visitante na área de Filosofia, subárea Filosofia da Cultura, para o Instituto de Filosofia, Artes, e Cultura da Universidade Federal de Ouro Preto; banca examinadora do processo seletivo para professor visitante, na área de Filosofia, subárea Lógica, para o Instituto de Filosofia, Artes, e Cultura da Universidade Federal de Ouro Preto e da banca examinadora do processo seletivo para professor visitante, na área de Filosofia, subárea Teoria do Conhecimento, para o Instituto de Filosofia, Artes, e Cultura da Universidade Federal de Ouro Preto.

Também em 95, recebi a bolsa de produtividade em pesquisa do CNPq, com o projeto: A questão da fundamentação dos enunciados morais. Bolsa que mantenho até hoje.

Em 1996, peço demissão do cargo de professor adjunto em Ouro Preto e vou para a Universidade de Brasília, como professora visitante. No primeiro semestre, leciono a disciplina “Filosofia moderna”, onde analiso o problema do conhecimento nas perspectivas de Descartes, Hume e Kant.

No segundo semestre ministrei um curso de Ética, onde procurei analisar os principais aspectos da “Ética das virtudes”, baseada na *Ética a Nicômacos*, do Utilitarismo e da perspectiva contractualista defendida por Mackie. Ministrei também a disciplina eletiva “Tópicos especiais em Filosofia Moderna”, onde realizei a leitura da *Crítica da Razão prática*.

Sou convidada a participar como debatedora de Tugendhat na conferência de abertura do “Simpósio Internacional de Ética e Filosofia Política do Centro-Oeste”, realizado em Goiânia. No mesmo evento, participo também da mesa-redonda composta por Tugendhat e Maria Cecília Carvalho com o tema: “O que pode a Ética na Política?”. Desta participação resultou o artigo “O que pode a Ética na Política: considerações acerca do conceito de Democracia”, publicado no livro que reúne algumas das apresentações do congresso. Neste artigo, critico o conceito de democracia oferecido por Habermas e procuro relacionar o nosso conceito político de democracia com a adoção do princípio de uma moral universalista.

Em junho participo do “Encontro dos Estudantes de Filosofia de Minas Gerais”, na Mesa Redonda: Ética e Política. Em seguida, sou convidada pelos estudantes a realizar a conferência de abertura do “Encontro Nacional dos Estudantes de Filosofia”. O tema da conferência foi



determinado pelos estudantes, sendo também o tema do evento: Ética, Estética, Autenticidade e Consumismo. Neste trabalho procuro analisar a possibilidade de pensarmos a escolha pela moralidade como uma escolha estética, defendendo, assim, uma perspectiva decisionista de “fundamentação” da moral.

Em junho de 96, participei do congresso internacional realizado pela IDEA em Aberdeen, com a conferência de título “Human Development: remarks about the concept of person”, onde apresentei de forma resumida minha crítica da análise do conceito de pessoa fornecida por Frankfurt.

Em outubro fui aprovada no Concurso Público para Professor Adjunto de Ética do Departamento de Filosofia da Universidade de Brasília.

No mesmo ano, participei da banca examinadora do processo seletivo para professor substituto, na área de Filosofia, subárea Filosofia Contemporânea, para o Instituto de Filosofia, Artes, e Cultura da Universidade Federal de Ouro Preto; banca examinadora do processo seletivo para professor substituto, na área de Filosofia, subárea Lógica, para o Instituto de Filosofia, Artes, e Cultura da Universidade Federal de Ouro Preto e da banca examinadora do processo seletivo para professor substituto, na área de Filosofia, subárea Filosofia Medieval, para o Instituto de Filosofia, Artes, e Cultura da Universidade Federal de Ouro Preto. Participei, também, da banca de doutorado de Marcelo Gerardin Poirot Land, orientado por Jurandir Freire da Costa, com o tema: Moral e Naturalismo: uma abordagem Dennettiana, no Programa de pós-graduação em Saúde Coletiva do Instituto de Medicina Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Em 1996, oriento meu primeiro aluno de iniciação científica, Gilberto Pereira de Oliveira Junior, com projeto: O conceito de liberdade no sistema kantiano: um possível antagonismo entre a Ética e a Filosofia da História (iniciação científica/CNPq).

Neste período, além dos artigos já mencionados, publico também o artigo “A refutação do solipsismo e a noção de critério em Wittgenstein”, no qual procuro mostrar - através de uma crítica às interpretações do argumento da linguagem privada fornecidas por Strawson e Bennett - que a análise da noção de critério constitui, em Wittgenstein, a base de sua refutação ao solipsismo/ceticismo.

Em 1997, participei da banca examinadora do concurso para professor assistente na área de Filosofia contemporânea para o departamento de Filosofia da Universidade Federal

de Ouro Preto e da banca examinadora do concurso para professor adjunto na área de Filosofia Política para o departamento de Filosofia da Universidade de Brasília.

Neste mesmo ano, presto concurso para professor adjunto na Universidade Federal de Minas Gerais e na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Sou aprovada em ambos e em julho de 97, retorno ao Rio como Professora Adjunta do Departamento de Filosofia da UFRJ, integrando o Centro de Ética e Filosofia da Mente (CEFM), coordenado pelo Prof. Wilson Mendonça.

De Ouro Preto, guardo a carinhosa lembrança de alunos queridos como Larissa Bracher, que sempre fizeram com que eu me sentisse especial, e dos amigos Mário Nogueira, Guiomar de Grammont e José Luiz Furtado. Já Brasília foi para mim uma segunda Pasárgada. Agradeço a meu amigo Nelson Gomes todas alegrias proporcionadas por seu modo peculiar de tornar especial cada momento. Com Nelson, organizei, coordenei e ofereci cursos para a Escola de Administração Fazendária durante vários meses. Com os cursos, ou como avaliadores de programas de graduação em filosofia, percorremos todo o Brasil. Toda esta maratona teria sido um enorme fardo, sem o seu bom humor e sua contagiante energia vital. Aos inesquecíveis e saudosos alunos de Brasília, agradeço a participação em aulas que muito me enriqueceram como pessoa e como professora.

Em agosto de 97 inicio uma rotina acadêmica que só foi interrompida pelos estágios de pós-doutorado e, mais de uma década depois, pela minha entrada em um segundo programa de pós-graduação, o Programa de pós-graduação em Bioética, Ética Aplicada e Saúde coletiva (PPGBIOS). Por esta razão, optei por não sobrecarregar meus leitores com o passo-a-passo exaustivo dos cursos que ofereci. Neste período, minha rotina consistia em oferecer a cada semestre um curso para a graduação e dois cursos de pós-graduação. Os cursos de graduação, quase sempre temáticos, a cada semestre, intercalavam temas de ética, filosofia política e filosofia da mente. Na pós-graduação, toda terça-feira, era oferecido um curso de ética ou filosofia política e todas as quintas-feiras, um curso em filosofia da mente. Neste período, quase todos os cursos de pós-graduação - a exceção de um curso sobre a Ética a Nicômacos oferecido com Fernando Rodrigues – eram compartilhados com Wilson Mendonça. Também na graduação oferecemos vários cursos juntos. Durante aquelas aulas aprendi e me diverti muito. Juntos formamos muitos alunos, organizamos e participamos de muitos eventos, como os colóquios de Itatiaia ou os colóquios de filosofia da mente em João Pessoa e Buenos Aires. Os alunos desta época, ainda hoje, se referem saudosos a este tempo.

Meu interesse pela ética, data dos meus primeiros estudos em filosofia e se consolidou no meu doutorado. Meu interesse pela filosofia da mente, hoje sei que já estava presente em minhas incursões pela psicologia, pela psicanálise e durante o mestrado, nas investigações acerca dos limites do eu, do acesso ao outro, da base de constituição do sentido e da linguagem, que me conduziram ao tema da minha dissertação. Num certo sentido, ainda que na época eu não tivesse total clareza sobre isso, meu projeto sobre o conceito de pessoa, com o qual retorno ao Brasil 93, já sintetizava estes meus dois focos de interesse, a ética e a filosofia da mente. Durante todos estes anos acho que tentei compreender a conexão entre eles e dar consistência a esta teia de temas que me rodeava e, claramente, constituía o lugar do qual sempre falei. Hoje tenho a grata sensação de ter conseguido isso através da formulação de uma perspectiva moral e política, a saber: a perspectiva dos funcionamentos, cuja unidade mínima de referência são sistemas funcionais, conceito que retirei desta inserção na filosofia da mente, mas particularmente, da concepção funcionalista de indivíduo. Tudo o que tenho a dizer a partir de agora de alguma forma indica apenas o caminho que percorri até chegar à perspectiva dos funcionamentos, caminho que inclusive, sob o ponto de vista estritamente filosófico, já descrevi no meu livro *Sobre Nós: expandindo as fronteiras da moralidade*, publicado em 2016.

Para reconstruir este trajeto, agora sob o ponto de vista de minha atuação profissional como pesquisadora, professora e orientadora, optei por acompanhar os meus projetos de pesquisa e extensão, apoiados pelo CNPq, CAPES e FAPERJ.

O problema da fundamentação dos juízos morais foi o tema geral de projetos específicos que desenvolvi junto ao CNPq a partir de 95. Na primeira etapa de minhas investigações (1995-1997), dediquei-me à análise das diferentes respostas à questão da fundamentação encontradas na tradição filosófica. No projeto seguinte, dediquei-me à análise de três formas de justificação do imperativo categórico (1998-2000). Recusei a tentativa de fundamentação proposta por Kant e Habermas, porém não o conteúdo do princípio em questão. Em sequência, procurei fornecer uma nova forma de justificação do princípio moral kantiano através do recurso a uma perspectiva perfeccionista. Neste projeto, intitulado, “A questão da justificação de juízos morais: o perfeccionismo e o princípio do respeito universal” (1999-2002) distingi a questão da fundamentação da moral e a questão da justificação de princípios morais. Abandonei a primeira por entender que não há argumentos filosóficos definitivos que conduzam necessariamente ao agir de acordo com princípios morais, ou seja, à aceitação da

moralidade. Tomando a aceitação ou não da moralidade como sendo, em última instância, uma decisão de cada indivíduo, uma escolha, entre outras, realizada no processo de constituição de uma identidade pessoal, desloquei a questão da fundamentação da moral para a questão acerca do tipo de pessoa que queremos ser, do tipo de vida que queremos viver. Por fim, procurei mostrar que uma investigação acerca do que podemos considerar para os seres humanos uma vida realizada, poderia justificar a adoção de um princípio moral universal, a saber, o imperativo categórico kantiano. Neste sentido procurei contrapor concepções de “Bem” concorrentes e defender a adoção do princípio moral kantiano como aquele que “melhor” responde a nossas demandas morais.

Durante este período, orientei três dissertações de mestrado e três teses de doutorado, entre elas a tese de doutorado de Mário Nogueira, como título “Kant educador: razão prática e antropologia moral” e a de José Sérgio Duarte da Fonseca, com o título “O que faz algo ser alguém: narrativa, auto-ilusão e o conceito de pessoa”. Mário Nogueira foi meu colega na Universidade Federal de Ouro Preto e durante muitos anos foi um grande incentivador do meu trabalho e um amigo sempre presente. José Sergio é até hoje um grande amigo e interlocutor filosófico, sempre presente.

Durante este período, sou chamada a participar como “facilitadora de conteúdo” nos Seminário Internacional Ética como Instrumento de Gestão, promovido pela Comissão de Ética da Presidência da República em Brasília. Durante dois anos (2001-2002), trabalhei junto à comissão. Neste ocasião, tive meu primeiro contato com o Prof. Manuel Villoria da Universidade Rey Juan Carlos de Madri, com o qual venho a trabalhar mais tarde no projeto “Diagnóstico y evaluación de la gestión de conflictos de interes y dilemas éticos en la Administración Federal brasileira. Diseño institucional, capacitación, comunicación y resultados”.

Em 2001, participo com uma conferência de título “What Perry doesn’t know about Mary” do congresso Mind and Action III, realizado em Lisboa. O artigo apresentado, escrito em parceria com Wilson Mendonça, foi selecionado para compor o livro em homenagem a John Perry. Nesta ocasião, conheço Sofia Miguels, então doutoranda, porém já professora da Universidade do Porto. Com Sofia irei, anos depois coordenar um projeto de cooperação internacional.

São deste período também (1) os artigos “Perfeccionismo e o princípio do respeito universal”; “Causação Intencional”; “Considerações acerca da teoria PANIC de Michael Tye”;

“O que podem saber os seres não-oniscientes”; (2) A tradução do livro *Diálogo em Letícia* de E. Tugendhat; (3) A coordenação do GT de Ética da ANPOF; (4) A Participação no: Congresso *Second International Symposium on Justice*, na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul em Porto Alegre, em 2000; *II Colóquio Internacional em Filosofia da Mente*, João Pessoa, em 2000; Participação no *III Colóquio Internacional em Filosofia da Mente*, João Pessoa, em 2002; (5) A participação, como “facilitadora de conteúdo” no Seminário Internacional Ética como Instrumento de Gestão, promovido pela Comissão de Ética da Presidência da República em Brasília, nos anos 2001 e 2002 e (6) A Participação nas Bancas de Doutorado de Ricardo Bins di Napoli, PUC/RS, em 1999. Tese: Ética e compreensão do outro: uma interpretação da ética de W. Dilthey; Banca de Doutorado de Alcino Bonella, UNICAMP, em 2000. Tese: Justiça como Imparcialidade e Contractualismo; Banca de Doutorado de Mauro Lúcio Leitão Condé, FAFICH/UFMG, em 2001. Tese: As teias da Razão: Wittgenstein e a crise da racionalidade; Banca de Mestrado de Marcelo Senna, IFCS/UFRJ, em 2001. Tese: O pragmatismo tem uma ética? O pensamento moral de John Dewey e Banca de Mestrado de Alexandra dos Santos, IFCS/UFRJ, em 2002. Tese: A consciência fenomenal na filosofia da mente contemporânea.

Nesta época, entendia que uma investigação acerca do que possamos chamar de uma concepção mínima de natureza humana e/ou de bem compartilhado seria um passo fundamental no decurso de um projeto mais amplo que visasse justificar princípios morais, ou seja, princípios capazes de promover a realização do ser humano e de suas relações sociais. No entanto, paralelamente, ao reconhecimento de aspectos supostamente comuns a todos os seres humanos e dos quais parecia depender a plena realização da natureza humana enquanto tal, era para mim também evidente uma ampla gama de focos identificatórios específicos que expressavam diversidades culturais, raciais e de gênero. Como compatibilizar tais aspectos no cerne de uma moral universalista? Para buscar uma resposta satisfatória para esta questão desenvolvi, então, dois projetos de pesquisa: “Moralidade imaginativa e identidade pessoal: uma perspectiva naturalista da moralidade” e “Identidade nacional e humana: sobre a conciliação entre os direitos humanos e o direito a auto-determinação nacional”.

No primeiro, investigo uma suposta capacidade humana fundamental que nos permita qualificar ou valorar moralmente nossa conduta no âmbito moral e político. Nele procurei defender a adoção de uma concepção da moralidade voltada para a promoção do florescimento humano, pela via da expansão da nossa capacidade da razão imaginativa e o

cultivo de tal capacidade como forma de implementação do princípio moral do respeito universal. Com isso, recusei uma concepção meramente prescritiva da moralidade, introduzi uma concepção narrativa da nossa auto-compreensão enquanto agentes morais e ressaltei o aspecto essencialmente imaginativo do nosso exercício da razão prática.

O argumento desenvolvido pode ser redescrito através dos seguintes passos: (1) o que torna alguma atividade ou propriedade valorada está relacionado ao fato desta promover o bom exercício de capacidades humanas fundamentais; (2) o exercício da razão prática, mais particularmente da capacidade de deliberação, é uma capacidade humana fundamental; (3) o respeito a esta capacidade é uma condição para seu bom desempenho da vida humana, ou seja, para sua realização. (4) logo, devemos respeitar seres humanos enquanto seres capazes de deliberar.

Enfim, se o que buscamos com a moralidade é a realização ou o florescimento do ser humano, podemos então supor que parte deste processo está em formar seres cada vez mais capazes de expandir e enriquecer seu poder deliberativo. Parte deste processo está então em conhecer cada vez mais e melhor a natureza humana e suas demandas. Dediquei-me, assim, a uma investigação que envolve, tanto aspectos da filosofia moral, como aspectos de teoria da ação, antropologia filosófica e filosofia da mente. Neste sentido, procurei harmonizar minhas pesquisas com os cursos oferecidos em ética e filosofia da mente.

O segundo projeto é destinado ao pós-doutorado na faculdade de Direito na Universidade de Connecticut. Meu principal objetivo era compatibilizar uma perspectiva moral universalista e direitos básicos universais com demandas geradas a partir do pertencimento a grupos identitários específicos. Elegi como fio de minha pesquisa, a identidade nacional, dirigindo, assim, minha investigação para a relação entre o nacionalismo e o direito internacional. O desenvolvimento desta pesquisa gerou o tema de meu projeto seguinte.

Como parte de um projeto mais amplo do CEFM, o projeto “Moralidade imaginativa e identidade pessoal: uma perspectiva naturalista da moralidade” contou com o apoio do PRONEX. Dois outros projetos associados a ele receberam também recursos do Edital Universal e do Edital de Ciências Humanas Sociais e Aplicadas.

Durante sua duração, orientei quatro alunos de iniciação científica: Carla Carolina Pecora Gomes (“Influências Externas na Formação Moral do Indivíduo”); Daniel de Vasconcelos Costa (Os desafios éticos da teoria evolucionista) e André Ricardo Viana Nunes. (Introdução

ao pensamento de Rawls). Daniel de Vasconcelos hoje realiza pós-doutorado no IFCS, sob minha supervisão. Na pós-graduação, tive quatro orientações de mestrado concluídas e uma de doutorado.

Também neste período passei a integrar o LatCrit (Latina e Latino Critical Legal Theory), grupo formado por professores norte-americanos e latino-americanos voltados para pesquisas com foco na justiça social, direitos humanos, meio-ambiente e políticas de identidade raciais e de gênero. Ao LatCrit devo muito do que aprendi sobre minorias e discriminação nos países que compõem o continente americano. Participei e organizei eventos do LatCrit no Brasil e em outros países na América. Através do LatCrit fiz pelo menos duas grandes amizades que atravessam toda a minha trajetória acadêmica desde então: Berta Hernandez, professora de Direitos Humanos da Universidade da Flórida e Colin Crawford, professor de Direito Ambiental da Universidade de Tulane, com quem compartilho cursos, orientandos, artigos, projetos e grupos de pesquisa.

Em Connecticut, trabalhei sob supervisão de Angel Oquendo, filósofo e professor de Direito com o qual fiz contato pela primeira vez em Berlim e com quem segui num diálogo acadêmico por vários anos. Angel foi também quem me introduziu ao LatCrit, através de um convite para participar de um evento sobre Justiça, realizado pela professora Celina Romany na Faculdade de Direito da Universidade George Washington. Durante meu pós-doutorado, participei de um evento realizado pela Universidade de Connecticut sobre ações afirmativas, com a conferência: *Affirmative Action and Social Justice*, publicado em 2004, na *Connecticut Law Review*.

Em 2003, participei, com a conferência “Quining the Gap: a consciência fenomenal revisada”, de um encontro em Filosofia da Mente, organizado por Eduardo Rabossi e Diana Perez, na Universidade de Buenos Aires. Esta conferência foi publicada em livro em 2004.

São deste período (1) os artigos “Moral Dimensions of Nationalism”; “Causação Intencional”; “Perfeccionismo”; “Identidade humana e pessoal: uma perspectiva naturalista da moralidade”; “O que podem saber os seres não-oniscientes”; “Relier la Conscience phénoménale et éliminer le fossé explicatif”; “Direitos Humanos In: *Dicionário de Filosofia do Direito*”; “Nacionalismo: parcialidade justificada e direito à autodeterminação nacional”; “O consequencialismo e seus críticos: convergências e divergências do debate moral na perspectiva de Philip Pettit”; “Considerações acerca do conceito de pessoa”; “Justiça: procedimental ou substantiva?”; “Perfeccionismo e o princípio do respeito universal”.

Algumas destas publicações foram também tema de conferências oferecidas durante o período. A Lista dos eventos dos quais participei e coordenei encontra-se no anexo a este memorial.

Também em 2004, minha tese de doutorado foi publicada no Brasil como o título: *Os direitos sociais básicos: uma investigação filosófica da questão dos direitos humanos*. Porto Alegre: EDIPUCRS.

Em 2004, participei da banca de Concurso para Professor Adjunto do Departamento de Filosofia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, na área de Ética, cuja vaga foi preenchida por Marcelo Araújo, com quem hoje tenho a grata satisfação de trabalhar no projeto Sienna (Stakeholder-informed ethics for new technologies with high socio-economic and human rights impact - Horizon 2020 - Research and Innovation Framework Programme).

Dando continuidade ao tema do meu pós-doutorado, o projeto seguinte, "Identidade humana e pessoal: o confronto entre os ideais universalistas do liberalismo político e as pretensões particularistas de reconhecimento de grupos de identidade" (2006-2008) teve como objetivo investigar as consequências, no plano da ética e da filosofia política, do reconhecimento de que aspectos particulares - tais como o pertencimento a um determinado gênero, raça ou grupo cultural/nacional - são relevantes para a constituição de uma identidade pessoal plena. Duas teses principais foram então destacadas: (1) a de que seres humanos compartilham um núcleo básico de experiências vitais cujo conteúdo é essencialmente transcultural. Tais características compartilhadas permitem a expansão da nossa faculdade imaginativa e a sensibilidade aos aspectos que nos diferenciam de outros seres humanos. Sobre esta base, procurei defender a tese de que a adoção de uma concepção comum, ainda que minimalista, de bem viver é não apenas compatível com a diversidade humana, mas ainda a melhor forma de preservar a integridade de cada pessoa ou grupo social. (2) A segunda advoga que apenas seres humanos situados, isto é, integrantes efetivos de algum tipo particular de organização social humana (habitantes de um espaço geopolítico específico), podem preencher o papel de agentes morais. Somente eles podem compreender "empaticamente" o peso do sofrimento humano, o valor da auto-estima e do reconhecimento mútuo. Quanto mais compreendemos nossas inserções sociais e reforçamos os laços que nos unem a outros seres humanos, mais próximos nos tornamos de compreender a humanidade como um todo. O pertencimento a grupos de identidade, compreendidos de forma não-



negativa e não-exclusivista, significa a identificação com os valores de um grupo e o compromisso moral e/ou político de justificá-los no âmbito nacional e internacional. Sobre esta base, procurei defender as políticas de identidade como um exercício eticamente legítimo, um compromisso que, longe de nos distanciar, nos aproxima de uma visão cosmopolita expansiva e inclusiva.

Em 2006 participo do Congresso sobre Direitos Humanos, realizado no Chile pelo Instituto Goethe de Santiago, com a conferência Direitos Humanos e Direitos de Minorias e do congresso Free Market Fundamentalism, organizado pelo LatCrit em Bogotá, com a conferência Globalização e Inclusão social.

Nesta época inicio também o projeto sobre a gestão de conflitos de interesse na administração pública brasileira, em cooperação com a Universidade Rey Juan Carlos na Espanha, projeto que contou com o apoio da Universidade de Brasília, da Comissão de Ética Pública e da ESAF (Escola de Administração Fazendária). Através deste projeto, participo durante três consecutivos dos encontros do CLAD: em 2007, com a palestra “Mecanismos de controle de conflitos de interesse no Brasil”; 2008, com a palestra “O ‘bom governo’: diretrizes de governo em uma democracia e 2009, com a palestra “Valores e virtudes na era da globalização”. Durante a duração do projeto, ofereci também cursos de verão sobre Direitos Humanos, em Aranjuez, para a Universidade Rey Juan Carlos.

Em 2006-2007 realizei um estágio de pós-doutorado na Universidade Oxford, junto ao Centro de Ética Aplicada, UEHIRO, sob supervisão do coordenador do Centro, Prof. Julian Savulesco. Durante este estágio, participei ativamente das atividades do Centro, ofereci conferência e estabeleci um acordo internacional entre o CEFM e o UEHIRO, do qual assumi a coordenação no Brasil. Através deste acordo, enviei alunos de doutorado para estágio em Oxford e pude contar com a presença de Savulesco duas vezes em eventos promovidos por mim, junto à UFRJ. A primeira delas com uma bolsa de Altos Estudos da CAPES, quando pude compartilhar com ele um curso de Bioética oferecido no IFCS. Em sua segunda vinda, Savulesco participou, junto a Christian Barry, de um evento organizado por mim, em Itatiaia. Na fria Inglaterra, Savulesco com seu brilhantismo e generosidade conseguiu me proporcionar momentos raros.

Também em Oxford conheço o Prof. Luciano Floridi, com o qual, mais tarde, alguns de meus alunos vieram a trabalhar, e de cujo projeto “Network for Information and Computer Ethics do Department of Philosophy” passei a integrar.

Durante o período de pós-doutorado, realizei conferências na Universidade do Porto e estabeleço um segundo acordo de Cooperação Internacional, desta vez entre o CEFM e o Mind, Language And Action (MLAG). Eu assumo a coordenação do acordo no Brasil e a professora Sofia Miguels, em Portugal. Com meu retorno a Portugal em 2005, tive a oportunidade de conhecer outros membros do MLAG, entre eles Carlos E. E. Mauro, de cuja banca de doutorado participei e com quem também vim a idealizar vários projetos.

Em 2007, coordenei no Rio de Janeiro o evento Race&Color Across the America, uma realização pelo LatCrit.

Finalmente, em 2008, crio NIS (Núcleo de Inclusão Social), projeto de extensão universitária que coordeno até hoje e que representa também uma das maiores satisfações da minha vida acadêmica. Ao redor do NIS, consegui reunir dezenas de alunos de graduação, mestrado e doutorado que hoje desempenham um papel relevante na constante luta por justiça e inclusão social na sociedade brasileira. Em uma época em que a extensão era vista como uma tarefa menor, quiçá, desprezível, eles enfrentaram todos tipos de preconceito e chacota em nome de um ideal de sociedade e de uma compreensão diferenciada do verdadeiro papel do filósofo. Agradeço muitíssimo a eles o apoio que me impediu de desistir, apesar de toda a falta de incentivo institucional e financeiro. Durante anos seguidos, o NIS, tanto enquanto projeto de extensão, como enquanto projeto de pesquisa na área de filosofia prática, foi sistematicamente recusado pelos órgãos de financiamento. Contudo, suas atividades prosseguiram, gerando grupos de estudo temáticos; cursos de extensão; produção de material didático; realização de eventos em locais públicos; mostras de filmes e fotografias e produção de filmes, a partir de oficinas de vídeo-ativismo. Nossos principais objetivos são até hoje promover a discussão do tema da justiça e inclusão social, sensibilizando a comunidade acadêmica para tais questões e orientar núcleos de trabalho nas comunidades, através da formação de multiplicadores de saber. O perfil, os membros, atividades e produção do NIS podem ser visualizados na página [www.nis-ufrj.org](http://www.nis-ufrj.org).

Em 2017, finalmente consigo cadastrar suas atividades no sistema SIGPROJ, através do projeto Justiça Social e Direitos Básicos: por uma perspectiva mais inclusiva.

Foram publicados durante a vigência deste projeto os seguintes artigos: “Identidade Humana e Pessoal: uma perspectiva naturalista da moralidade”; “Moral Dimensions of Nationalism”; “Direitos Humanos (verbete do Dicionário de Filosofia do Direito)”; “Direitos Humanos e Políticas de Identidade”; “What Perry Doesn’t Know About Mary”; “Identidade

Humana e Pessoal: uma perspectiva naturalista da moralidade”; “Mecanismos institucionais de gestão da ética no Brasil”; “O consequencialismo e seus críticos”; “Mind and Person in a Physical World”; “Uma concepção substantiva de Justiça: das razões para o tratamento desigual em uma perspectiva moral universalista”.

Durante este período orientei vários alunos de mestrado e doutorado e quatro alunos de Iniciação científica, dos quais três já concluíram seus doutorados. Um destes jovens pesquisadores era Fabio Gomes de Oliveira - atualmente professor da Universidade Federal Fluminense e professor dos programas de pós-graduação em Filosofia da UFRJ (PPGF) e do PPGBIOS. Fabio até hoje integra o NIS e compartilha comigo cursos, projetos, alunos e, sobretudo, ideais. Há este grupo de iniciandos, pertenciam também Julianna Henrique Guimarães que hoje é professora no IFF de São João de Pádua, realiza o mestrado no IFCS e ainda integra o NIS. Julianna foi quem primeiro insistiu para que eu procurasse sistematizar minhas ideias sob a forma de um livro. Agradeço a ela a insistência e a aposta em mim. A lista completa de meus orientandos deste período encontra-se em anexo, assim como também a lista dos eventos dos quais participei e organizei.

Através do NIS, realizei, em 2008, três mostras de filmes com os temas: Exclusão Social; Direitos Humanos; Direito a Moradia e a Cidade e o evento Universidade de Portas Abertas que reuniu no IFCS autoridades da UFRJ e moradores de ocupações urbanas com o objetivo de fixar uma parceria que viesse a contribuir para uma melhora da qualidade de vida destes últimos.

Também em 2008, lancei o primeiro número da revista *Diversitates*, idealizada por mim e da qual fui a editora até 2014, quando então se tornou a revista da Universidade Federal Fluminense.

Em 2009 iniciei o projeto “Identidade pessoal, moral e política: pressupostos e desafios da naturalização da ética” onde meu principal objetivo era compatibilizar as investigações acerca do agente moral e político com uma perspectiva naturalista da mente e do mundo. Neste projeto procurei, em primeiro lugar, apresentar os pressupostos básicos de uma perspectiva naturalista. Em seguida, procurei destacar algumas das caracterizações filosóficas correntes acerca do agente moral e investigar a possibilidade de resgatá-las no cerne de uma perspectiva naturalista. Para concluir, procurei analisar as consequências da adoção do modelo naturalista, proposto para resolução dos principais desafios enfrentados no âmbito da bioética e da filosofia política. Partindo da defesa de uma caracterização

funcional da mente e do Self, procurei demonstrar que (i) uma tal concepção é compatível com nossas principais convicções morais e que (ii) é ainda capaz de orientar de forma mais promissora nossas atitudes morais frente a um universo mais abarcante de seres viventes, orientando também estratégias políticas para a implementação de valores morais.

Neste mesmo ano, ingresso no Programa interinstitucional de Bioética, Ética Aplicada e Saúde Coletiva (PPGBIOS), do qual participam a UFRJ, UFF, UERJ e FIOCRUZ. No PPGBIOS assumo, juntamente com o Prof. Carlos Dimas Ribeiro, a coordenação do Macro-Projeto Direitos Básicos, Justiça Social e Políticas Públicas. Com Carlos Dimas passo a compartilhar cursos, orientandos e artigos. Sua interlocução e apoio tem sido fundamental para o meu trabalho.

No PPGBIOS assumo a disciplina de Ética I, obrigatória para o doutorado. Em 2015 começo finalmente a realizar um rodízio da disciplina juntos com dois ex-orientandos meus Alexandre Costa Leal, da UFRJ, e Murilo Vilaça, da Fiocruz. Alexandre foi meu aluno no curso de graduação em Filosofia e, em 2013, concluiu o doutorado em Filosofia no IFCS, sob minha orientação, com a tese “Deficiência Mental: Contribuições de uma perspectiva de justiça centrada nos funcionamentos”. Há vários anos, ele participa não apenas do NIS, como também de vários outros projetos e grupos de pesquisa que coordeno, sendo com certeza o principal propagador do meu trabalho e, mais especificamente, da Perspectiva dos Funcionamentos. Murilo concluiu o doutorado em Filosofia, sob minha orientação, em 2014, como o tema: Melhoria Humana. Uma reflexão crítico-filosófica do debate entre bioconservadores e transumanistas e uma proposta de normatização de biotecnociência para fins de melhoria. Sobre este tema escrevemos juntos alguns artigos. Além de Alexandre e Murilo, hoje integram o corpo docente do PPGBIOS dois outros orientandos meus Fabio Gomes de Oliveira, que como Alexandre pertence também ao PPGF e Michelle Cecille Teixeira, atualmente professora da UFF.

O PPGBIOS modifica a minha mencionada rotina no IFCS. A necessidade de oferecer cursos também em outro programa, faz com que eu passasse a ministrar um curso de graduação e um de pós a cada semestre no IFCS. A partir daí, embora continue oferecendo cursos sobre Filosofia da Mente na graduação, na pós-graduação passo a me dedicar prioritariamente aos cursos de Ética e Filosofia Política. Durante esse período, procurei integrar minha pesquisa aos trabalhos realizados junto ao PPGBIOS, ao PPGF, ao curso de graduação em Filosofia e ao NIS. Neste sentido, as diversas etapas do meu projeto foram acompanhadas de cursos

oferecidos na pós-graduação e de discussões nas quais participaram outros professores integrantes do PPGBIOS e PPGF, alunos de graduação e pós-graduação e integrantes do NIS. Através da participação e organização de eventos, pude também integrar meu projeto ao trabalho desenvolvido por outros membros do LatCrit e do UEHIRO.

Durante esse período, tive quatro orientandos concluindo o doutorado e cinco concluindo o mestrado. Três alunos concluíram a iniciação científica, entre eles Pedro Lippmann a quem atualmente oriento no doutorado, em cotutela com a Universidade de Rennes. Em 2011 recebi também uma orientanda do segundo grau, a aluna Helena Basílio do Colégio Pedro II.

Em 2010, fui contemplada pelo edital Cientista do Nosso Estado, da FAPERJ, com o projeto Identidade pessoal, moral e política: pressupostos e desafios da naturalização da ética e sou também contemplada pelo Edital de Ciências Humanas do CNPq.

Em 2010 meu livro Kant e Wittgenstein: os limites da linguagem é reedição pela editora Multifoco. Pela mesma editora, publico também, em 2010, um livro em homenagem aos sessenta anos de Wilson Mendonça: “Filosofia da Mente, Ética e Metaética: ensaios em homenagem a Wilson Mendonça” e, em 2011, uma cartilha elaborada pelos integrantes do NIS, intitulada “Construindo a Democracia”.

Durante a vigência deste projeto, são publicados também os artigos: “Margens da Cidade”; “Justiça Global: considerações sobre a questão da justiça em Peter Singer”; “O bom governo: diretrizes de governo em uma democracia”; “Values and virtues in the era of globalization”; “Direitos Humanos e a Crise Moral”; “Quem somos nós? Pressupostos e consequências do programa de naturalização do Self”; “Desafios da defesa de uma identidade nacional”; “Mind and Person in a Physical World”; “Nacionalismo: parcialidade justificada e direito à autodeterminação nacional”; “Valores e virtudes na Era da Globalização” e “Metamorfoses do Humano”, este último escrito em coautoria com Murilo Vilaça.

Em 2011, assumo a vice-presidência da Sociedade de Bioética do Estado do Rio de Janeiro, na qual permaneço até 2013. Em 2012, organizo o IV Congresso da Sociedade de Bioética do Estado do Rio de Janeiro, realizado na UERJ.

O desenvolvimento de minha pesquisa avança cada vez mais para questões relacionadas ao tratamento moral conferido a animais não-humanos e ao meio-ambiente. Passo a oferecer cursos sobre ética animal e ambiental e a oferecer todos os semestres, a convite do Prof. Sergio

Potsch, palestras no Instituto de Biologia da UFRJ, sobre ética animal e, mais particularmente, sobre a utilização de animais em pesquisas. Em 2011, sou convidada pelos alunos da Biologia a participar como conferencista do XV Biosemana da UFRJ, discutindo o tema “Alterações no Código Florestal: uma abordagem moral”. Também em 2011, sou convidada a participar como conferencista do Simpósio o Conselho Federal de Medicina Veterinária, realizado no IX Congresso Brasileiro de Bioética, apresentando a conferência “Uma visão diferenciada da sociedade acerca do uso de animais na ciência”.

A partir de 2011 passo a organizar, juntamente com os professores Fábio Oliveira e Daniel Lourenço, da Faculdade de Direito da UFRJ e a professora Rita Paixão, do PPGBIOS e do Instituto de Medicina Veterinária da UFF, um evento anual intitulado “Encontro Carioca de Direito dos Animais”.

Também em 2011, sou convidada para realizar a conferência de encerramento do Primer Encuentro del Consejo Federal de Medicina y el Observatório de Bioética y Derecho de la Universidad de Barcelona. Apresento a conferência “Por uma concepção igualitária de Justiça no mundo globalizado”. A lista completa das publicações, palestras, orientações e bancas deste período encontra-se no anexo a este memorial.

Em 2010 passo a integrar o Conselho Deliberativo do PPGBIOS, do qual fui membro até 2016. Participei também da primeira banca de seleção de doutorado do PPGBIOS, em 2010. No mesmo ano, participei da Banca do Concurso Público para Professor Adjunto do Departamento de Educação da UFRJ.

Através do NIS, organizei Mostras bimestrais de filmes, basicamente documentários, onde foram discutidas diversas questões como, por exemplo, a situação manicomial e prisional no Brasil e a questão do aborto. Em 2010, organizei um evento com o tema Identidade Nacional e Direito a Autodeterminação Nacional: a questão palestina, que contou com a participação do fotógrafo português Nuno Coelho. Em 2011, ainda através do NIS, organizei o evento Margens da Cidade, realizado pela primeira vez no IFCS e no semestre seguinte na UERJ. O evento visava reunir representantes de ocupações urbanas e discutir o processo de titularização dos prédios ocupados, assim como também as demandas mais prementes de seus moradores.

Em 2012, inicio o projeto Direitos Fundamentais e Justiça Social: em defesa de um cosmopolitismo moral. Os principais objetivos deste projeto foram (1) identificar o objeto do nosso discurso moral e promover uma desantropologização da moralidade, estendo o debate

moral contemporâneo aos demais animais e ao meio ambiente e (2) identificar os agentes responsáveis pela satisfação das demandas morais e/ou pela implementação dos direitos fundamentais e defender um cosmopolitismo moral que possibilitasse um diálogo, para além das fronteiras nacionais, acerca dos principais desafios da moralidade no mundo globalizado. Procurei mostrar que uma adequada ordenação de nossas convicções morais ao cenário atual exige uma redefinição dos concernidos, que procurei caracterizar, não mais como seres humanos ou entidades sencientes, mas como sistemas funcionais, mais ou menos complexos. Neste sentido, busquei formular uma perspectiva moral e política mais abrangente, a que chamei “Perspectiva dos Funcionamentos (PdF)” e cujo desenvolvimento e aplicação em diversas áreas é meu objetivo atual.

Durante este período, me dediquei a desenhar os pressupostos teóricos da Perspectiva dos Funcionamentos e verificar sua aplicação em vários âmbitos. Ofereci vários cursos e orientei vários trabalhos sobre o tema. Por se tratar de algo novo, era preciso analisar com cuidado a diferença frente as perspectivas de justiça já consagradas. A resistência de muitos colegas e alunos à perspectiva estava centrada em dois principais aspectos: a recusa da liberdade ou da autonomia como foco central na moralidade e/ou da justiça e a expansão da moralidade aos animais não-humanos, ao meio-ambiente e, sobretudo, a objetos inanimados.

Durante muito tempo, a PdF foi confundida com a perspectiva da capacitação de Sen e Nussbaum. Era preciso então apontar, não apenas para de seus pressupostos teóricos, totalmente diversos, mas ainda para os dois aspectos acima mencionados. Ao contrário de Sen, o foco da PdF não era a liberdade, mas os funcionamentos básicos de um indivíduo, compreendido como um sistema funcional.

Em contrapartida, a perspectiva causou furor entre todos aqueles que, como eu, aspiravam por ampliar os limites da moralidade tradicional, centrada na figura abstrata do ser humano racional, livre e com as competências necessárias para participar de situações contractuais entre pares. Foi neste sentido que a ela prontamente aderiram aqueles cuja pesquisa envolvia pessoas com deficiência, minorias excluídas do espaço socio-cultural hegemônico e, com mais cautela, os defensores da questão animal. No âmbito da questão ambiental o caminho tem sido mais árduo, em função da predominância de dois grupos já bastante encerrados em suas convicções, muitas vezes ideológicas e pouco acessíveis à reflexão: o grupo dos que entendem nossa relação com o meio-ambiente de forma estritamente instrumental e, por conseguinte, só percebem o ser humano como objeto de

consideração e o grupo dos biocentristas, que adotam a vida como um valor absoluto, sem sequer refletir sobre o que isso possa significar.

O entusiasmo de alguns colegas e alunos com esta nova abordagem enriquecia o meu dia-a-dia e alimentava a necessidade de lapidar, cada vez mais, cada aspecto da perspectiva. O papel fundamental de divulgar e apresentar a teoria foi prontamente assumido por Alexandre Costa, cuja paixão pela PdF conquistou alunos e profissionais de diversas áreas. Sem o seu entusiasmo, não sei se teria tido energia suficiente para insistir na divulgação deste trabalho.

Em 2014, sou contemplada pelo EDITAL PGPTA n° 59/2014, da CAPES, com o projeto “Uma perspectiva de justiça mais inclusiva: aplicação do enfoque dos funcionamentos à saúde, à educação, à tecnologia e aos direitos de pessoas com deficiência”. Este projeto tinha como objetivo geral desenvolver uma perspectiva de justiça mais inclusiva e mais compatível com os ideais de uma concepção moral universalista e apresentar a Perspectiva dos Funcionamentos. Como objetivo específico pretendia fornecer um instrumento que permitisse uma melhor garantia da igual consideração ou respeito moral entre todos os integrantes da sociedade moral, em diversas esferas. Neste sentido, pretendia analisar a aplicação da Perspectiva dos Funcionamentos no âmbito da saúde, da educação, das questões que concernem a utilização da tecnologia para o aprimoramento humano e das questões relativas a gênero, políticas de identidade e políticas de reparação. Com a aplicação da Perspectiva dos Funcionamentos, pretendia consolidar uma ferramenta que permita repensar as concepções de saúde/doença, eliminando estigmas sociais e promovendo a autonomia e os demais funcionamentos básicos dos segmentos mais vulneráveis da sociedade. Minha tese era a de que ao elegermos o aspecto da integridade funcional de um sistema como foco de atribuição de valor moral, já não teremos como restringir o âmbito da moralidade ao pequeno grupo dos seres que sob o ponto de vista funcional se assemelham a nós. Se pudermos identificar um sistema funcional, teremos o compromisso moral de não impedir seu bom desempenho, ou ainda, de promover seu florescimento, independente de sua conformação física e/ou psíquica e sua própria capacidade de exercer a autonomia. Nossa principal dificuldade deixa de ser (i) encontrar uma justificativa para considerar ou incluir o outro no âmbito de nossas considerações morais, e passa a ser (ii) saber o que seria para cada sistema funcional em geral, ou para cada ser, em particular, sua plena realização. Trata-



se, assim, de um desafio para nossas investigações empíricas e uma dificuldade técnica a ser suplantada pelo conhecimento científico e/ou artístico.

Também em 2014, e com um projeto “Por uma concepção de justiça mais inclusiva: a Perspectiva dos Funcionamentos” sou mais uma vez contemplada pelo Edital Cientista do Nosso Estado da FAPERJ.

Com estes projetos, pude consolidar uma rede de pesquisadores ao redor da minha proposta teórica (a Perspectiva dos Funcionamentos) que envolve professores e alunos de diversas universidades do Brasil (UFF, UERJ, UFRJ, Fiocruz e UFP), bem como universidades estrangeiras, como a Universidade de Tulane.

Podendo então me dedicar plenamente a elaboração da Pdf, organizo um livro que é lançado pela Editora Pirilampo, em 2015. Nele, procuro, inicialmente, elencar os diversos aspectos teóricos inerentes ao discurso moral e compatibilizar a satisfação dos mesmos com nossas intuições cotidianas acerca do que consideramos certo ou errado, justo ou injusto, valoroso ou desprezível. Tais intuições são adotadas no decorrer de todo o livro como um guia rumo à construção de uma perspectiva moral mais coerente com o nosso universo de crenças e desejos e, por conseguinte, com as razões que nos levam a buscar uma forma de vida moral. Com este propósito, o livro foi estruturado em duas partes: uma etapa teórica e uma prática. Esta última, elaborada com a participação de diversos autores. Os primeiros quatro capítulos são, então, dedicados à elaboração do referencial teórico.

No primeiro capítulo, analiso as principais características atribuídas aos nossos juízos morais; as tentativas filosóficas de resgatar sua pretensão de validade e, finalmente, o modo como tradicionalmente incluímos ou recusamos algo ou alguém como objeto de nossa consideração moral.

O segundo capítulo é dedicado à discussão das principais perspectivas contemporâneas da justiça e à elaboração de uma perspectiva alternativa que responda de uma forma mais abrangente e coerente com nossas intuições morais às seguintes questões: (1) o que devemos/queremos igualar; (2) para quem, ou seja, quais são os concernidos pela nossa concepção de justiça; e, finalmente (3) a quem cabe a responsabilidade de implantá-la.

O terceiro capítulo é totalmente dedicado a uma tentativa de expandir o âmbito da moralidade a dois integrantes de nossa concepção de bem-viver até então deixados à parte nas principais discussões filosóficas sobre o tema, a saber, o meio-ambiente e a obra de arte. Pretendo defender uma forma não-instrumental de incluí-los no nosso universo de

consideração moral que não dependa da referência a uma ontologia metafísica ou a uma cosmovisão transcendente.

Encerrando a etapa de construção do referencial teórico, o quarto capítulo pretende reforçar a caracterização proposta para o objeto de nossa consideração moral, a saber, a caracterização de um indivíduo como um sistema funcional, e analisar as consequências de uma tal perspectiva para compreendermos quem somos e como devemos agir ou viver.

Os seis capítulos seguintes tratam da aplicação da perspectiva proposta em diversos âmbitos do saber e de atuação dos seres humanos como profissionais, representantes institucionais e/ou políticos e indivíduos comuns.

O quinto capítulo abre a discussão no âmbito da saúde e foi escrito em coautoria com Carlos Dimas Ribeiro. Nele, investigamos uma concepção de saúde e do processo saúde-doença mais compatível com a Perspectiva dos Funcionamentos.

O sexto capítulo, escrito por Alexandre Costa, explora a aplicação da Perspectiva dos Funcionamentos no âmbito da deficiência mental. Alexandre é filósofo e médico, neurologista pediátrico, e concluiu seu doutorado em Filosofia no IFCS, sob minha orientação, com este tema. Hoje é professor da UFRJ e integra o PPGBIOS e o PPGF.

O sétimo capítulo analisa a adequação da utilização da Perspectiva dos Funcionamentos para a avaliação do processo transexualizador. De sua elaboração participaram, além de mim, Cristiane Amorim e Carlos Dimas Ribeiro. Cristiane concluiu sua tese de doutorado sobre o processo transexualizador usando a Perspectiva dos Funcionamentos. Hoje ela integra o quadro de professores do PPGBIOS pela UERJ e participa de vários projetos e grupos de pesquisas que coordeno.

O oitavo capítulo desloca o foco para a educação superior e analisa a perspectiva dos funcionamentos como matriz para repensamos a formação em saúde. Ele foi escrito por Michelle Cecille Bandeira, em coautoria comigo e com Carlos Dimas Ribeiro. Michelle defendeu sua tese de doutorado sobre este tema e hoje é também professora do PPGBIOS pela UFF e participa de outros projetos e grupos de pesquisa que coordeno.

O nono capítulo introduz a questão da justiça no âmbito do reconhecimento e busca uma perspectiva de justiça que melhor responda as demandas feministas. Neste percurso, a autora adota a Perspectiva dos Funcionamentos como a concepção universalista mais compatível com uma política de coalizção ecofeminista não-essencialista. Este capítulo foi escrito por Priscila Teixeira de Carvalho. Priscila foi minha orientanda de mestrado e durante

a tese de doutorado descobriu na Pdf uma alternativa capaz de conjugar o universalismo com as demandas feministas.

O décimo capítulo retoma a questão ambiental, desta vez por meio de um exemplo concreto, e analisa a melhor forma de justificação da inclusão das questões ambientais no cenário de discussão internacional. Este capítulo foi escrito por Fabio Gomes de Oliveira que, como já mencionei, foi meu aluno de iniciação científica, mestrado, doutorado, pós-doutorado e atualmente integra o PPGBIOS, pela UFF e o PPGF.

Sem estas contribuições e as que tenho recebido desde então, a Perspectiva dos Funcionamentos correria o risco de permanecer mais um constructo teórico vazio.

Em 2015, participo com esta mesma equipe de duas mesas temáticas sobre a Perspectiva dos Funcionamentos no Congresso organizado pela UNESCO Chair in Bioethics, 11<sup>TH</sup> World Conference, em Nápoles.

Em 2015, realizo um estágio de pós-doutorado na faculdade de Direito da Universidade de Tulane, sob a supervisão de professor Colin Crawford. Meu objetivo durante este estágio, era aprimorar o referencial teórico para extensão da concepção de justiça desenvolvida no projeto, a saber, a Perspectiva dos Funcionamentos, ao meio-ambiente. Durante os três meses de pós-doutorado, realizei a conferência Art and Environment: Expanding the Limits of Morality, sobre a aplicação da perspectiva dos funcionamentos ao meio-ambiente, na Universidade de Tulane; redigi o artigo “Direito `a cidade: considerações teóricas” que comporá um material didático organizado pelo Laboratório das Metrôpoles (UFRJ), em parceria com o Núcleo de Inclusão Social (NIS-UFRJ), o IPEA e a Universidade de Tulane e redigi o livro *Sobre Nós: expandindo as fronteiras da moralidade*, no qual discuto as principais perspectivas éticas da atualidade e apresento a Perspectiva dos Funcionamentos e sua possibilidade de inclusão de animais não-humanos e do meio-ambiente, entre outros, como objeto de nossa consideração moral.

No início de 2016 lanço uma primeira versão fechada para venda do livro Sobre Nós. Meu objetivo era testar a clareza, correção e profundidade dos argumentos apresentados, a fim de aprimorar meu trabalho e lançar uma nova edição reformulada e aberta ao público. Durante 2016, ofereço cursos baseados no livro e colho todas as informações necessárias para a segunda edição, que foi finalmente lançada nos encontros da ABRASCO, em Cuiabá e da ANPOF, em Aracajú. Ambas as edições foram feitas pela editora Pirilampo. Para a segunda versão de Sobre Nós, recebi as valiosas contribuições de meus colegas e amigos Nelson

Gomes, Marcelo Araújo, Carlos Dimas Ribeiro, Alexandre Costa, José Sergio Duarte da Fonseca Diogo, Maria Cecilia Maringoni de Carvalho, Darlei Dall’Agnol, Cinara Nahra, Fernando Rodrigues, Marco Antônio Oliveira de Azevedo, Fabio Gomes de Oliveira, Michelle Cecille Bandeira, Leonardo Couto e de meus alunos Antônio Augusto Pinto Madureira, Ana Cristina González Vélez, Diogo Mochcovitch, Pedro Lippmann e Suane Soares. Foi a partir do comentário feito por Suane, em sala de aula, de que minha aula sobre a inclusão dos animais não-humanos havia sido muito mais elucidativa do que minha exposição no livro, que alterei por completo o referido capítulo. Leonardo Couto foi meu orientando de mestrado e doutorado e alegria com que ele, anteriormente um seguidor de John Rawls, recebeu uma perspectiva, que como suas palavras, só poderia ser fruto de uma pesquisadora/filósofa fora do eixo, me enchem de satisfação.

Também em 2016, tive quatro orientações de mestrado concluídas e três de doutorado. Entre as teses de doutorado que orientei nos últimos anos, três utilizaram a Perspectiva dos Funcionamentos, as de Alexandre Costa e Michelle Bandeira, já mencionadas e a de Vera Frossard. A tese de Vera, com o título: *Ser com os outros: grupos de apoio na internet - Estudo de caso em uma comunidade virtual sobre esquizofrenia*, recebeu, em 2016, uma menção honrosa no Prêmio de Incentivo em Ciência e Tecnologia para o SUS. Seu trabalho teve como objetivo analisar grupos de ajuda mútua da internet e, aplicando a PdF dimensionar os funcionamentos básicos dos envolvidos de forma a promovê-los.

Em 2015, a Editora Pirilampo publica os livros *Ensaios sobre a moralidade e Justiça social e Direitos humanos*, ambas coletâneas de artigos meus. Também pela Pirilampo publico, em 2016, a coletânea *O que é Filosofia*. Este livro reedita quatro artigos publicados no livro *O que é Filosofia?* que organizei durante a minha estadia em Ouro Preto: um artigo de Tugendhaht, cuja única versão foi a traduzida e publicada por mim; um artigo de Danilo Marcondes; um artigo de Mauro Lúcio Leitão Condé e um artigo meu. A eles foram acrescentados artigos de Nelson Gomes, Desidério Murcho, José Luiz Furtado, Carlos Henrique Veloso e um novo artigo meu. A ideia central deste livro era fornecer ao leitor uma compreensão diversificada da filosofia, em seus diversos campos de atuação.

Durante este período publico também os artigos: “O impacto da internet na interação entre pacientes: novos cenários em saúde” e “A Internet e a Volta do Cidadão à Esfera Pública” em coautoria com minha orientanda Vera Frossard; “Literatura e cardiologia”, em coautoria com Ana Luiza Mallet; “Transumanismo e o futuro (pós-)humano” e “Melhoramento humano

biotecnocientífico: a escolha hermenêutica é uma maneira adequada de regulá-lo?”, em coautoria com Murilo Vilaça; “A decisão sobre o fim da vida: um direito fundamental”; “Horizons of Inclusion”, em coautoria com Luiz Eslava; “Natural Disasters and Moral Responsibility”, em coautoria com Colin Crawford e “Construindo a identidade feminina”.

No final de 2016, tive dois livros reeditados pela editora CRV, “Kant e Wittgenstein: os limites da linguagem” e “Os direitos sociais básicos: uma investigação filosófica da questão dos direitos humanos”.

Em fevereiro de 2017, concluí a organização de um livro sobre Bioética, que deverá ser lançado em agosto deste ano. Seu principal objetivo é fornecer uma compreensão mais abrangente da bioética, capaz de influenciar profissionais de diferentes áreas e promover um olhar e uma escuta mais apurados, sobre as diversas demandas que povoam as sociedades contemporâneas. O livro está dividido em treze capítulos, onde são apresentados os alicerces teóricos da Bioética e seus principais temas e/ou aplicações. Para ele, escrevi seis artigos - sendo três em coautoria: um capítulo sobre fim de vida, em coautoria com Alexandre Costa; um capítulo, sobre gênero, escrito com Suane Soares e um capítulo sobre biotecnologia e aprimoramento humano escrito com Murilo Vilaça. Alexandre é também autor de outros três artigos: início de vida, bioética clínica e ética em pesquisa. Murilo é também autor do capítulo sobre integridade em pesquisa. Participam também desta coletânea Carlos Dimas Ribeiro, com o capítulo sobre Bioética e Saúde Coletiva; Fabio Gomes de Oliveira, com o capítulo sobre a questão dos animais e, finalmente, Michelle Cecille Bandeira, com o capítulo sobre ensino da bioética.

Meu projeto atual do CNPq é sobre a Perspectiva dos Funcionamentos: A Perspectiva dos Funcionamentos: refinando o arcabouço teórico e ampliando as aplicações. Como o próprio título revela, meu objetivo, agora, consiste em refinar o arcabouço teórico da PdF e ampliar suas aplicações. Tenho no momento uma orientanda de iniciação científica, quatro orientandos de mestrado - três dois quais, trabalhando com a PdF - e onze de doutorado, sete deles também aplicando a PdF. Além de mim, outros professores do PPGBIOS, Alexandre Costa, Carlos Dimas Ribeiro, Miriam Ventura, Fabio Oliveira e Murilo Vilaça, também têm orientado teses e dissertações, onde a Perspectiva dos Funcionamentos é utilizada.

Tenho quatro grupos de pesquisa cadastrados no Diretório de Pesquisa do CNPq: O Núcleo de Inclusão Social (NIS); Direitos Básicos, Justiça Social e Políticas Públicas; Nós: dissidências feministas e Perspectiva dos Funcionamentos: Teoria e Prática. Ajudando a

manter todas as minhas informações em dia, hoje conto com a imprescindível e competente ajuda de Milena Carneiro.

Durante este período, o NIS realizou uma lista exhaustiva de eventos que vão desde uma mostra de vídeos e fotografias com o tema “Rio: 450 anos de exclusão”, até eventos em praças e escolas. Produziu material didático, como, por exemplo, a série de cartilhas “Desconstruindo Paradigmas”, contendo doze cartilhas que abordam temas que vão desde a estrutura do Estado brasileiro e direitos básicos até os movimentos sociais, ética animal e ambiental, questões de gênero, violência contra a mulher e pessoas com deficiência. Paralelamente ofereci cursos de videoativismo e produzimos uma série de vídeos que foram disponibilizados na internet, como material didático, para uso em escolas, ou, simplesmente, para sensibilizar sua audiência para os temas abordados. Um relatório detalhado das atividades do NIS está disponível na página do projeto ([www.nis-ufrj.org](http://www.nis-ufrj.org)) e no final deste memorial.

Em 2016, com o objetivo de reunir todos os meus projetos em um só espaço, criei o Núcleo de Ética Aplicada (NEA). Neste mesmo ano, volto a integrar a Comissão de Pós-graduação do PPGF, coordenando a área de Ética e participo da seleção de mestrado e doutorado. Tive a grata surpresa de encontrar uma Comissão pacífica e gentil. O carinho com que fui recepcionada por colegas como Carla Rodrigues, Adriany Ferreira de Mendonça, Henrique Cairus e Rafael Haddock-lobo fazem com que eu volte a acreditar em um trabalho em equipe.

No PPGBIOS, passo a coordenar o laboratório JUDIPP, voltado para questões de Justiça, direitos básicos e políticas públicas.

Graças a paciência e talento técnico e estético de meus alunos Pedro Lippmann e Diogo Mochcovitch, pude construir páginas contendo informações detalhadas e bilíngues das atividades de todos estes grupos. Seus endereços são: [www.nea-ufrj.org](http://www.nea-ufrj.org); [www.nis-ufrj.org](http://www.nis-ufrj.org); [www.perspectivadosfuncionamentos.org](http://www.perspectivadosfuncionamentos.org); [www.judipp.org](http://www.judipp.org) e [www.mariaclaradias.info](http://www.mariaclaradias.info).

Em dezembro de 2016, assumi a coordenação, no Brasil, de um projeto contemplado pelo Edital da União Européia “Horizon 2020”. Trata-se do projeto Sienna (Stakeholder-informed ethics for new technologies with high socio-economic and human rights impact - Horizon 2020 - Research and Innovation Framework Programme). Do projeto Sienna participam treze universidades. Para integrar a equipe da UFRJ, convidei meu colega Marcelo Araújo, filósofo e professor da faculdade de Direito. O projeto visa estabelecer normas, que serão então pactuadas por todos os países que o integram, para o uso das tecnologias de

aprimoramento humano. O diferencial deste projeto é que ele pretende orientar tais pesquisas por um programa que atenda as demandas da justiça social e dos direitos humanos. Enfim, trata-se de um projeto que reúne, na prática, todos os meus principais focos de pesquisa, desde que iniciei minha trajetória pela filosofia. Ao projeto Sienna, à Perspectiva dos Funcionamentos e ao Núcleo de Inclusão Social pretendo dedicar os próximos anos de minha vida profissional.

E, por último, como tudo o que realmente importa pode ser dito em poucas palavras, devo dizer que agradeço a minha filha, Sofia Marques, minha alegria de viver. Vê-la se tornado um ser humano tão íntegro, sensível e capaz de responder com indignação à forma perversa com que vemos outros indivíduos conduzirem suas vidas, faz com que eu acredite que, para além da filosofia, também no nosso dia-a-dia, podemos contribuir para a construção de um mundo melhor.